

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS
Instituto de Ciências Biológicas e Saúde
Curso de Graduação em Educação Física

**GÊNERO E SEXUALIDADES NA EDUCAÇÃO FÍSICA: LEVANTAMENTO E
ANÁLISE DOS TRABALHOS PUBLICADOS NOS CADERNOS DE FORMAÇÃO
DA REVISTA BRASILEIRA DE CIÊNCIA DO ESPORTE (2013 A 2022)**

Dandara Uine Oliveira Martins¹

Eduardo de Souza Vieira²

RESUMO

O artigo tem como objetivo analisar os estudos sobre gênero e sexualidades publicados na revista do Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte (CONBRACE) entre os anos de 2013 até 2022. Tomamos como caminho metodológico a análise nas perspectivas dos estudos de caráter exploratório, das pesquisas publicadas na revista do (CONBRACE) e nos cadernos de formação. Tivemos como ponto de partida entender como são abordados os diálogos sobre gênero e sexualidades em umas das revistas de referência na área da Educação Física. Verificamos que dos 133 artigos publicados neste período apenas 13 falam sobre gênero e/ou sexualidades, reiteramos que não analisamos a qualidade dos artigos, mas uma análise de quantas publicações foram feitas e de que forma o discurso sobre gênero e sexualidades aparecem nos textos. Subdividimos as 13 produções encontradas em categorias como prática corporal, formação e atuação profissional, masculinidades e estudos sobre o corpo. Assim fizemos uma construção em nosso artigo sobre a importância e necessidade de trabalharmos com gênero e sexualidades como temas transversais nos conteúdos ministrados nas aulas de Educação Física.

Palavras-chave: Meninas; Meninos; Metodologia; Gênero; Sexualidades.

¹ Acadêmica do curso de Licenciatura em Educação Física da PUC Minas, e-mail: dandarauine@hotmail.com

² Acadêmico do curso de Licenciatura em Educação Física da PUC Minas, e-mail: eduardosouzav15@gmail.com

ABSTRACT

This article aims to analyse studies about gender and sexuality published in Brazilian Congress of Sport Sciences (CONBRACE, from Portuguese Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte) between the years 2013 and 2022. We used as methodology the analysis in the perspective of exploratory studies of researches published in CONBRACE journals and Formation Workpapers. As a starting point, we understood how gender and sexuality dialogues are approached in one of the reference papers in Physical Education field. We verified that from the 133 published articles in this period of time, only 13 talk about gender and/or sexuality; we reiterate we do not analyse the quality of articles, but an analysis of how many publications were made and how the discourse about gender and sexuality appear in the texts. We subdivided the 13 found published works in categories such as corporal practice, formation and professional performance, masculine and anatomical studies. Finally, we argue in our article about the importance and necessity to approach gender and sexuality as linked themes in content taught in Physical Education classes.

Key words: Girl; Boy; Methodology; Gender; Sexuality.

INTRODUÇÃO

Tratar sobre as discussões de gênero na escola e nas aulas de Educação Física (EF) na atualidade se configura como um tema de grande importância e relevância para nossa sociedade, sobretudo no contexto histórico, social e político pelo qual estamos vivendo em nosso país. Na perspectiva de Fróis (2018, p. 4), a construção da expressão de gênero de meninos e meninas é realizada nas relações familiares, escolares, comunitárias e sociais amplas vividas pelas crianças.

Dessa forma, o interesse em estudar esse tema surge diante das experiências vividas durante nossa trajetória escolar, na qual por diversas vezes presenciamos e vivenciamos separação de meninos e meninas na hora do recreio, exclusão de meninas de atividades que nossa cultura e sociedade nos dizem que devem ser praticada apenas pelos meninos e a falta de cuidado/tato dos/as professores/professoras ao não saberem lidar com os alunos ou alunas que não expressam a sexualidade referente ao seu sexo biológico.

Além do nosso contexto histórico e formativo enquanto acadêmicos, o interesse em realizar essa pesquisa foi suscitado a partir de uma indagação feita por uma palestrante, no primeiro período da faculdade em Educação Física, em que a mesma questionou, na ocasião, quantas vezes víamos os professores/professoras estimulando a participação de alunas nas aulas de Educação Física. A partir deste ponto, aguçamos nossa intenção de saber como os/as professores/professoras podem levar/lidar com suas aulas trabalhando temáticas desafiadoras e estimulando os/as alunos e alunas a participarem efetivamente e com equidade das atividades, o que serviu de ponto de partida para a escrita do primeiro trabalho na disciplina “Oficina de Texto”.

Compreendemos que essa temática é atualmente ponto de tensão e embate em nossa sociedade, por isso mesmo, entendemos que a área da Educação Física, tanto na academia, como no chão da escola, não pode se furtar dessas discussões. Por isso, a importância de entender quais são os conteúdos, os suportes, os materiais e pesquisas que os/as professores/professoras podem buscar para auxiliar na elaboração de suas aulas de Educação Física escolar.

Diante desse contexto, nos deparamos com algumas questões: por que as meninas nem sempre participam das aulas de educação física na escola? Quais bases teóricas disponíveis em periódicos especializados na área de Educação Física

escolar para que o professor possa elaborar suas aulas para que tenham equidade de participação de alunos e alunas? Como os/as professores/professoras podem levar/lidar com suas aulas trabalhando temáticas desafiadoras e estimulando os/as alunos/alunas a participarem?

No intuito de refletir sobre essas questões, nosso artigo tem por objetivo principal analisar os estudos produzidos sobre gênero e sexualidade publicados nos Cadernos de Formação³, do CBCE⁴ entre os anos de 2013 à 2022. Como objetivos secundários pretendemos entender como os estudos sobre gênero e sexualidade estão sendo desenvolvidos no âmbito acadêmico; refletir a respeito da importância dessa temática, gênero e sexualidade no currículo escolar e nas aulas de Educação Física.

Justificativa

Escrever a respeito da perspectiva de gênero/sexualidade torna-se um aspecto relevante a partir do momento em que existe a necessidade de discutir, trabalhar e abordar tais temáticas, sejam elas relações de gênero, identidade de gênero, gênero e/ou sexualidades. De acordo com a pesquisa realizada por Falcão *et. al* (2022), nas pesquisas de Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer (PPGIEL/UFMG)

a crescente presença das temáticas em voga é observada de forma mais contundente no período de 2018 a 2021, quando é possível observar pelo menos 4 investigações defendidas a cada semestre, com o ápice em 2021, com 9 trabalhos defendidos, totalizando 45% das defesas daquele ano, sendo 4 de mestrado e 5 de doutorado. (FALCÃO, 2021, p. 11)

³ Editada pelo Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE), A Revista Brasileira de Ciências do Esporte (ISSN 0101-3289, eISSN 2179-3255) é um dos mais tradicionais e importantes periódicos científicos brasileiros na área de Educação Física/Ciências do Esporte, indexada em indicadores internacionais, reconhecida como B1 no sistema de avaliação Qualis/Capes (2010-2012). Publicada trimestralmente, tem como atuais editores os professores Dr. Alexandre Fernandez Vaz, Dr. Felipe Quintão de Almeida e Dr. Jaison José Bassani.

⁴ Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE) é uma entidade científica que congrega pesquisadores/as ligados/as à área de Educação Física/Ciências do Esporte. Organizado em Secretarias Estaduais e Grupos de Trabalhos Temáticos, liderados por uma Direção Nacional, o CBCE possui representações em vários órgãos governamentais. Afiliado à Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), o CBCE está presente nas principais discussões relacionadas à área de conhecimento. O seu evento científico nacional, o Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte (Conbrace), realizado a cada dois anos, está entre os principais do país.

Apesar de vermos um aumento de trabalhos referentes à gênero/sexualidade, compreendemos ser necessário que as discussões e pesquisas sobre essa temática sejam ainda mais legitimadas, publicadas em revistas de relevância e prestígio na área de atuação/trabalho do profissional de Educação Física.

Diante disto, o que temos a oferecer para a comunidade acadêmica que tenham acesso ao trabalho escrito, é a análise de estudos que falem sobre gênero e sexualidade publicados no Caderno de Formação da Revista Brasileira de Ciência do Esporte (RBCE) no recorte temporal de 2013 até 2022, além de propor a discussão sobre as abordagens nas publicações, considerando um viés que diga a respeito da necessidade de produção de conhecimento sobre a temática ou explicitando as grandes contribuições lidas em nosso referencial bibliográfico.

Metodologia

Para atingir os objetivos propostos, utilizamos como caminho metodológico a análise das pesquisas publicadas nos cadernos de formação, entre os anos de 2013 até 2022. Optamos por mapear os documentos encontrados nos Cadernos de Formação pois este, faz parte, das publicações da RBCE, definida como um dos mais tradicionais e importantes periódicos científicos brasileiros na área de Educação Física escolar.

Nesse sentido, realizamos o levantamento e análise dos trabalhos publicados, atentos aos títulos, resumos e palavras-chave, fizemos a leitura com intuito de verificar se os trabalhos/artigos publicados estavam relacionados ao nosso tema e se configuram-se como materiais que poderiam auxiliar professoras e professores a tratarem das questões de gênero e sua diversidade no cotidiano docente nas escolas.

Assim, este estudo trata-se de revisão bibliográfica sobre as produções científicas publicadas na revista do Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte (CONBRACE). Apoiamo-nos nas perspectivas dos estudos de caráter exploratório, nos quais “os exemplos mais característicos desse tipo de pesquisa são: investigações sobre ideologias ou pesquisas que se propõem à análise das diversas posições sobre um problema.” (GIL, 2007, p. 44)

Baseando-nos nesta perspectiva, utilizamos como recorte temático as palavras-chave “meninas”, “metodologia”, “gênero”, “sexualidade” e “meninos”; além de, termos utilizado um recorte temporal de 2013 a 2022, favorecendo a coleta de

dados de produções científicas mais recentes, uma vez que a banca com tema de gênero passou a ser parte integrante da revista CONBRACE a partir da publicação dos relatórios de 2013-2015.

Análise dos artigos encontrados na revista CBCE e cadernos de formação

De todos os 133 artigos publicados nos Cadernos de Formação RBCE, somente 25 artigos foram analisados e separados por aproximarem de nosso tema, em uma leitura breve dos artigos supracitados, apenas 20 se relacionavam com a nossa temática. Porém, numa pesquisa mais aprofundada de cada artigo, apenas 13 trataram de forma mais objetiva sobre relações de gênero e sexualidades. Esses números nos levam a refletir que pesquisas relacionadas à essa temática podem ser mais exploradas e desenvolvidas.

Por critério de exclusão optamos por manter somente aqueles que abordam a escrita em perspectiva conjunta com nossa temática, ao final ficamos com somente 13 artigos e todos os outros foram tabulados para possíveis consultas durante a construção do trabalho.

Abaixo se encontra uma tabela referente aos 13 artigos analisados que utilizamos para construir as discussões de nossa pesquisa. A tabela conta com o tema, objetivo da pesquisa, sujeito da pesquisa, metodologia e um breve resumo.

Tabela 1 – Artigos consultados

AUTORIA	OBJETIVO	SUJEITO DA PESQUISA	METODOLOGIA	RESUMO
<p>JAEGER, Angelita Alice et al. Cinema, relações de gênero e práticas corporais e esportivas. Cadernos de Formação RBCE, v. 11, n. 1, 2020.</p>	<p>Produzir análises visuais acerca das representações de gênero que emergem de filmes que focalizam práticas corporais e esportivas, enfatizando o seu potencial pedagógico para as aulas de Educação Física (EF) de qualquer nível de ensino.</p>	<p>9 professores/as que responderam um questionário com perguntas abertas.</p>	<p>Abordagem qualitativa, o que permite a compreensão sobre os sentidos e significados que os acontecimentos têm para o grupo estudado (BOGDAN, BICKLEN, 1994).</p>	<p>A análise qualitativa evidenciou que empoderamento, interseccionalidade, desconstrução de estereótipos, igualdade e equidade emergiram das interpretações, sugerindo que os filmes funcionam como um texto com forte potencial pedagógico para discutir gênero nas aulas de Educação Física em qualquer nível de ensino.</p>

<p>DEVIDE, Fabiano Pries; DA ROCHA, Cristina Maria; DOS SANTOS MOREIRA, Izabela. Coeducação e Educação Física escolar: uma ferramenta para abordar as relações de gênero nas práticas corporais. Cadernos de Formação RBCE, v. 11, n. 2, 2020.</p>	<p>O objetivo foi sistematizar e aplicar a abordagem coeducativa na Educação Física escolar no Ensino Fundamental.</p>	<p>Colégio Universitário</p>	<p>O projeto se organizou em três fases: seminários de leitura, observação das aulas e intervenção pedagógica.</p>	<p>Com base no diário de campo, os resultados apontam para quatro categorias relacionadas à prática discente sobre as relações de gênero: exclusão por habilidade motora, machismo, sexismo e misoginia. A intervenção pedagógica gerou comportamentos de receptividade e resistência às atividades propostas e à problematização sobre gênero nas aulas.</p>
<p>DA MOTA, Weslei; LEZAN, João Pedro. QUESTIONANDO A MASCULINIDADE HEGEMÔNICA A PARTIR DO “CAÇADREZ”: UMA BOA PRÁTICA EDUCATIVA NO ENSINO</p>	<p>Apresentar o jogo “Caçadrez” como uma boa prática educativa, podendo ser utilizada como forma de abordar as relações de gênero excludentes estabelecidas entre os</p>	<p>Um colégio da Rede Estadual de Ensino do Paraná, na cidade de Curitiba, com estudantes do 2o e 3o ano do Ensino Médio.</p>	<p>Relato de Experiência</p>	<p>Consideramos o “Caçadrez” uma excelente forma pedagógica de abordar, de maneira crítica, os comportamentos e discursos que auxiliam na construção e reafirmação da masculinidade hegemônica,</p>

<p>MÉDIO?. Cadernos de Formação RBCE, v. 9, n. 2, 2019.</p>	<p>alunos e alunas nas aulas de Educação Física.</p>			<p>constituindo-se assim como uma boa prática educativa em busca da humanização das relações sociais.</p>
<p>DOS ANJOS, Luiza Aguiar. Uma experiência de ensino do futebol (de mulheres). Cadernos de Formação RBCE, v. 11, n. 2, 2020.</p>	<p>Visibilizar as experiências das mulheres nesse esporte (futebol).</p>	<p>Aulas de Educação Física de três turmas do segundo ano do Ensino Médio Integrado a cursos Técnicos, em um campus do Instituto Federal de Minas Gerais.</p>	<p>Relato de Experiência</p>	<p>Descrevo o processo vivenciado junto aos/às estudantes, analisando como a ruptura com o tradicional referente masculino para abordar o futebol contribuiu para problematizar desigualdades de gênero que o atravessam esse esporte (e a sociedade), conhecer mais a modalidade e, também, para a construção de experiências mais democráticas e inclusivas entre alunas e alunos durante as atividades.</p>

<p>TORTOLA, Eliane Regina Crestani. Experiências formativas acionando discursos de resistência acerca da objetificação do corpo das mulheres na música e na dança. Cadernos de Formação RBCE, v. 11, n. 1, 2020.</p>	<p>Suscitar experiências formativas que contribuam para estudos e práticas pedagógicas, notadamente no que se refere à interlocução entre dança, gênero e sexualidade na educação física.</p>		<p>Análise do Discurso, de orientação foucaultiana, advindas de reflexões resultantes de um estudo amplo e aplicadas à prática docente durante o ano de 2019.</p>	<p>Não é de hoje que o corpo da mulher é objetificado em letras musicais e um dos caminhos para fomentar ações de resistência é compreender que o que é dito hoje pode possuir um domínio de memória capaz de indicar tanto ruptura quanto regularidade daquilo que se entende por ser mulher na atualidade.</p>
<p>DE MORAES, Paulo Mateus et al. Direitos humanos e gênero: possíveis articulações para</p>	<p>Conhecer a educação em direitos humanos/sociais, problematizando e agindo</p>	<p>Universidade pública no município de Cáceres-MT, numa disciplina que tratou sobre</p>	<p>Realizaram entrevistas para coletar narrativas e analisar os</p>	<p>O processo formativo teve aulas sobre pressupostos teóricos, com ênfase na Declaração</p>

<p>formação de professorxs. Cadernos de Formação RBCE, v. 11, n. 1, 2020.</p>	<p>sobre o desenvolvimento humano e aprendizagem na Educação Física.</p>	<p>Educação em Direitos Humanos para uma turma de oitavo semestre de licenciatura em Educação Física, durante o semestre letivo 2019/2 (agosto a novembro de 2019).</p>	<p>dados em uma abordagem qualitativa.</p>	<p>Universal de Direitos Humanos, sessões de cine debate e trabalho de campo por 8 equipes de discentes. Dentre essas equipes destacamos a que realizou um estudo sobre grupo social/esportivo de futebol feminino, cujo resultado foi um bom nível de compreensão acerca da articulação entre 82 Cadernos de Formação RBCE, p. 81-91, mar. 2020 direitos humanos e relações de gênero, bem como mostraram formas de utilizar esse conhecimento na futura prática docente.</p>
<p>DO PRADO, Vagner Matias. Gêneros e sexualidades na formação inicial em Educação Física: experiência docente em</p>	<p>Compartilhar experiências sobre a abordagem das temáticas gênero e sexualidade na</p>	<p>As intervenções se desenvolveram em duas disciplinas com 56 estudantes e tiveram duração de dois semestres.</p>	<p>Procedeu-se à apresentação dos estudos de gênero e teoria queer como recursos para</p>	<p>Os estudantes apontaram que a inserção das discussões sobre gênero e sexualidade é importante para o processo</p>

<p>uma universidade pública. Cadernos de Formação RBCE, v. 11, n. 1, 2020.</p>	<p>formação inicial em Educação Física.</p>		<p>problematizar os corpos enquanto produtos socioculturais.</p>	<p>formativo e sinalizaram para uma mudança em suas compreensões sobre os impactos da cultura no processo de construção de identidades.</p>
<p>RADICCHI, Marcelo Rocha. Relato sobre o trabalho interdisciplinar com a orientação sexual na ESCOLA IRMÃ SÁ em PARINTINS/AM a partir da atividade de extensão universitária. Cadernos de Formação RBCE, v. 4, n. 1, 2013.</p>	<p>Conduzir uma atividade de extensão universitária junto à escola para superação dos problemas encontrados na realidade relativos à temática de orientação sexual.</p>	<p>O projeto foi voltado às turmas de 6º a 9º ano da escola, sendo no total 9 turmas (com aproximadamente 30 alunos em cada uma delas) atendidas no projeto.</p>	<p>Metodologia de pesquisa-ação.</p>	<p>Foi proposta a temática da orientação sexual como tema transversal para as ações do projeto. Os problemas foram detectados na realidade escolar com o auxílio dos professores da escola e trabalhados em conjunto com os acadêmicos. Observamos a “oxigenação” dos conteúdos da disciplina e estímulo ao diálogo isonômico entre Escola e Universidade, tendo relatos positivos da comunidade escolar e acadêmicos da disciplina.</p>

<p>MARTINS, Mariana Zuaneti et al. As meninas não querem jogar? Uma revisão sobre aspectos didático-metodológicos na educação esportiva de meninas. Cadernos de Formação RBCE, v. 11, n. 1, 2020.</p>	<p>responder a seguinte questão: que fatores didático-metodológicos contribuem para a (des)mobilização de meninas para a prática esportiva?</p>	<p>Recortes de 2009-2019 em revistas pedagógicas da Educação Física.</p>	<p>Revisão Integrativa</p>	<p>A distinta forma como meninos e meninas se envolvem com o conteúdo; as possibilidades desencadeadas pela forma como os professores percebem e intervêm diante das desigualdades de oportunidades entre meninos e meninas; como as atividades de sensibilização e de problematização da discriminação nos</p>

				ambientes de prática esportiva podem contribuir para mobilizar as meninas.
<p>CERATTI, Viviane da Silva Dias; SCHWENGBER, Maria Simone Vione. Uma proposta didático-pedagógica em Educação Física Infantil: a literatura brasileira e as temáticas corpos, gêneros e diferenças. Cadernos de Formação RBCE, v. 11, n. 2, 2020.</p>	<p>Apresentar a problematização de temáticas relacionadas a corpos, gêneros e diferenças nas aulas de Educação Física Infantil em uma escola pública de Ijuí/RS, implementando uma proposta de unidade didática a partir do recurso da Literatura Brasileira.</p>	<p>Uma escola pública de Ijuí/RS.</p>	<p>Pesquisa colaborativa, e os instrumentos foram a ficha de mapeamento sistemático de literaturas e o diário de bordo.</p>	<p>As experiências favoreceram às crianças pensarem, dialogarem e se encontrarem em/nas suas diferenças, revendo pré-conceitos, desfazendo-se de preconceitos sobre os corpos, os gêneros; o diferente de nós.</p> <p>Percepções sobre a importância de sermos diferentes e valorizarmos as identidades corporais de cada um vão surgindo, ampliando a discussão.</p>
<p>MORAES, Marcelo et al. Educação Física escolar: espaço de questionamento das</p>	<p>Refletir de que forma a escola e, mais especificamente a Educação Física podem</p>			<p>Com a redemocratização brasileira a discussão de gênero passou a figurar na agenda</p>

<p>masculinidades hegemônicas?. Cadernos de Formação RBCE, v. 11, n. 2, 2020.</p>	<p>contribuir para problematizar esse discurso.</p>			<p>pública nacional, fazendo parte também de políticas educacionais. Entretanto, um avanço conservador da sociedade, evidenciado nas eleições de 2018, deixou clara a implantação de um discurso em que uma masculinidade hegemônica se faz presente.</p> <p>Política e conceito de gênero.</p>
<p>GOELLNER, Silvana Vilodre. A educação dos corpos, dos gêneros e das sexualidades e o reconhecimento da diversidade. Cadernos de formação RBCE, v. 1, n. 2, 2010.</p>	<p>Indicar o quanto esses marcadores sociais interferem na construção da identidade dos sujeitos.</p>		<p>Este texto foi originalmente escrito para integrar a publicação Fundamentos pedagógicos do Programa Segundo Tempo: da reflexão à prática.</p>	<p>Propõe uma discussão acerca da pluralidade dos corpos, gêneros e sexualidades. Encontra sua fundamentação teórica nos estudos de gênero, história do corpo e feminismo pós-estruturalista com o objetivo de indicar o quanto esses marcadores sociais interferem na construção da</p>

				<p>identidade dos sujeitos. Por fim, sugere que essas questões sejam consideradas no desenvolvimento de proposições pedagógicas no contexto da escola e fora dela, buscando, sobretudo, o reconhecimento e respeito pela diversidade.</p>
<p>ARENHART, Deise. O corpo como expressão de culturas infantis na escola: marcas de geração e classe social. Cadernos de Formação RBCE, v. 6, n. 1, 2015.</p>	<p>Refletir sobre a relação entre corpo e culturas infantis.</p>	<p>Dois grupos de crianças de quatro a seis anos em espaços de educação infantil e escolas do município do Rio de Janeiro</p>	<p>Estudo Etnográfico</p>	<p>Investigar culturas de crianças buscando analisar como condicionantes estruturais como classe social e geração atuam no sentido de produzir processos de identificação, diferenciação e desigualdade entre as crianças e como estes processos se expressam em suas relações e culturas de pares.</p>

--	--	--	--	--

Fonte: Elaborado pelos(as) autores(as) (2022)

A ESCOLA E SEU PAPEL DE FORMAÇÃO

Escrever sobre educação, apesar de ser uma pauta recorrente com diversos campos de pesquisa e especialistas sobre os mais diversos assuntos relacionados à temática, ainda se faz necessário, pois se percebe em nossa sociedade atual o descaso com a situação das escolas, suporte aos professores/professoras, auxílio aos estudantes e o descuido do Estado Brasileiro com esse direito tão importante para o desenvolvimento da sociedade.

Entretanto, no que tange a educação como direito social, temos na Constituição Federal que

Art. 6º São direitos sociais a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o transporte, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição. (BRASIL, 1988)

Sendo assim, é destinado ao Estado Brasileiro o dever de garantir o acesso à educação a todos os sujeitos da sociedade civil. Entretanto, percebemos que no contexto atual essa prerrogativa legal não está sendo respeitada, crianças e adolescentes estão tendo seus direitos à educação violados, afetados pelo crescimento da desigualdade, da miséria e da pobreza. Ou seja, o desrespeito pela educação como direito dos cidadãos. Salientamos ainda a necessidade de garantir a inserção da população em instituições de ensino, além do dever de fazer a fiscalização da permanência em ambientes que favoreçam o ensino/aprendizagem, necessário.

A escola, através de suas diversas práticas, terá forte influência nesse modo como as pessoas se entendem e projetam ações a partir disso. O que se ensina sobre a cultura dos povos indígenas, por exemplo, irá contribuir para a formação de um ideal identitário dessa cultura, o mesmo acontece com as culturas negras e, mais próximo desse trabalho, com as relações de gêneros. Além da construção desse ideal, a escola é um espaço de vivência das identidades, um ensaio do que será aceito e incentivado, ou reprovado e reprimido, pelo “mundo lá fora”.

Em seu estudo, Radicchi (2022) aponta que o papel do professor é muito importante no que diz respeito à discussão e reflexão de temáticas problematizadoras na escola. Nessa ótica, o autor aponta que o tema referente ao estudo de gênero e sexualidades surge na escola a partir da preocupação do professor ao presenciar situações de

mau-gosto envolvendo a sexualidade (especialmente nas ocasiões de aulas mistas, quando este solicita a participação das meninas em alongamentos

e/ou alunos que se movimentem de uma maneira interpretada como variante do padrão masculino, na opinião dos alunos) e estereótipos corporais e de movimentação (RADICCHI, 2022, P. 6)

Nesse sentido, a função da escola não deve se reduzir à transmissão do conhecimento, mas sim da construção dele, reconhecendo que o processo de ensino-aprendizagem se apoia em uma relação interdependente entre aluno-professor, reforçando a afirmação de Mota (2006, p. 66) “o papel que esperamos da escola é que promova a formação de pessoas aptas a exercerem sua plena cidadania”.

Compreendemos a necessidade de os docentes buscarem conhecimentos e atualizações, a importância de discutir cada temática na escola e ter ferramentas/embasamento para atuar na construção do sujeito crítico, autônomo e capaz de se posicionar diante das desigualdades e injustiças,

Temos necessidade urgente de construir uma escola diferente para atender à sociedade em mudança. Precisamos de uma instituição na qual os valores humanos sejam defendidos, a igualdade e vivência sejam planejadas, que esteja livre do ranço do autoritarismo e promova a integração pacífica da comunidade. Esse convívio democrático é algo complicado! Exige que a escola inove, implemente ações integradoras com todos os agentes participantes, envolvendo órgãos, instituições, organizações através de parceria e um novo trabalho. (PEDERSOLI, 2012)

O trabalho desenvolvido dentro e fora da escola traz para a sala de aula uma riqueza enorme de informações, aprendizados, experiências e conhecimentos. Isso faz com que professores/professoras e alunos/alunas redescubram o valor da interdisciplinaridade. Muitas vezes, sugere uma revisão no projeto educativo, aponta para a necessidade de construção de um novo espaço de aprendizagem e, com isso, de novos métodos, tudo do ponto de vista do processo do tempo escolar do educando.

Para Severino (1992), a educação deve ser entendida como possibilidade para eventual mediação para a cidadania. Nesse sentido, se a escola é espaço para o "aprendizado" da cidadania, o autor deixa claro que ela, contudo, não se encerra no ambiente escolar, mas deve ser ali desenvolvida para poder ser exercida fora dos muros. Assim, entende-se cidadania como uma "qualificação da condição da existência dos homens" (SEVERINO, 1992, p. 10). Entretanto, compartilhamos com as dúvidas levantadas por esse autor se a escola estaria realmente apta a contribuir para essa "qualidade existencial", se ela tem mesmo sido espaço para a construção da cidadania.

A escola, enquanto lugar de formação, têm o poder e dever de trabalhar com temáticas tidas como “transversais”, ou seja, assuntos que atravessam o cotidiano dos/das cidadãos/cidadãs, mas que não necessariamente são abertamente conversados, ou seja, enquanto local de diálogo, exposição de ideias e estimulação da curiosidade. O espaço estudantil tem o poder de enfrentar os silenciamentos que vêm sofrendo através do tempo ao tentar abordar diversos conteúdos tidos como controversos, entre os quais se encontram os relacionados a gênero/sexualidade.

A importância deste trabalho que acontece nas escolas se dá a partir do momento em que a proximidade do conteúdo com a vivência diária dos alunos se dá de forma natural, ou seja, é necessário que eles tenham uma proximidade, além de conhecimento sobre as diversidades presentes em nossa sociedade e em nosso mundo.

EDUCAÇÃO FÍSICA, CORPO E RELAÇÕES DE GÊNERO

A Educação Física, tendo o corpo como objeto de estudo, tem grande influência no processo de desenvolvimento das manifestações corporais e nas expressões de gênero.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) a Educação Física deve ser “entendida como uma área que trata de um tipo de conhecimento, denominado cultura corporal de movimento” (BRASIL, 1998, p.26). De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei nº 9394/96, em seu Art. 26º § 3º, a Educação Física, ao estar articulada à proposta pedagógica da escola, deverá ser entendida como componente curricular obrigatório da educação básica (BRASIL, 1996). E, entendendo a mesma como uma prática pedagógica específica presente no contexto escolar, ela deve garantir aos alunos a introdução e a integração a um conjunto de conhecimentos específicos da cultura corporal de movimento, “formando o cidadão que vai produzi-la, reproduzi-la e transformá-la” (BRASIL,1998, p.29). Atualmente, de acordo com a BNCC (2017),

A Educação Física é o componente curricular que tematiza as práticas corporais em suas diversas formas de codificação e significação social, entendidas como manifestações das possibilidades expressivas dos sujeitos, produzidas por diversos grupos sociais no decorrer da história. Nessa concepção, o movimento humano está sempre inserido no âmbito da cultura e não se limita a um deslocamento espaço-temporal de um segmento corporal ou de um corpo todo. (BRASIL, 2017)

Enquanto área de conhecimento presente no currículo escolar, tem como benefícios as abordagens teórico-práticas, que favorecem o autoconhecimento para os/as alunos/alunas, além da aprendizagem afetiva por meio de atividades e reflexões sobre a prática,

Cada prática corporal propicia ao sujeito o acesso a uma dimensão de conhecimentos e de experiências aos quais ele não teria de outro modo. A vivência da prática é uma forma de gerar um tipo de conhecimento muito particular e insubstituível e, para que ela seja significativa, é preciso problematizar, desnaturalizar e evidenciar a multiplicidade de sentidos e significados que os grupos sociais conferem às diferentes manifestações da cultura corporal de movimento. (BRASIL, 2017)

Entender que a Educação Física aborda muito mais que as modalidades esportivas se torna de extrema importância devido a seu potencial de discutir os “saberes corporais, experiências estéticas, afetivas, lúdicas e agonistas, que se inscrevem, mas não se restringem, à racionalidade típica dos saberes científicos que, comumente, orientam as práticas pedagógicas na escola (BRASIL, 2017, p. 213).”

Enquanto profissionais da Educação Física, nós nos pautamos em trabalhar o sujeito como um ser uno, formado por sua individualidade bio-psíquico-social e tornando-o ser atuante em nossa sociedade civil, possibilitando acesso e reflexão acerca dos conhecimentos de forma emancipatória. Além disso, enquanto disciplina, nossas aulas servem como espaço de discussão e debate sobre diversas temáticas, assumindo que

Tal compromisso educativo tem como base as ideias de justiça, solidariedade, autonomia, liberdade de pensamento e de escolha, ou seja, a compreensão e o reconhecimento das diferenças, o respeito aos direitos humanos e à interculturalidade, e o combate aos preconceitos de qualquer natureza (BRASIL, 2017, p.561)

Demonstramos uma reflexão sobre a veracidade de um determinismo natural para a ideia de sexo e sobre a dicotomia polarizada entre sexo e gênero. Isso se dá no que concerne há documentos oficiais, ao conhecimento popular e ao que é veiculado pelas mídias sociais, lugar em que as pessoas parecem não conhecer o conceito de gênero. Dessa maneira, as definições apresentadas demonstram gênero como uma forma de organização social dos sexos, a partir de uma interpretação variável em função de tempo e cultura.

Segundo a definição estritamente gramatical de Ferreira (1986) do termo gênero, vemos que a "categoria que indica, por meio de desinências, uma divisão dos nomes baseada em critérios tais como sexo e associações psicológicas" (p. 844). Neste sentido, o autor aponta o gênero masculino, o feminino e neutro.

Em sua grande maioria utiliza-se o termo gênero ligado a fatores biológicos de forma equivocada, é importante enfatizar e salientar que a construção cultural referente ao gênero diz respeito aos aspectos sociais atribuídos ao sexo. De acordo com Da Silva (2022, p. 33) "gênero é entendido aqui como um conceito que remete a todas as formas de construções sociais, culturais e linguísticas implicadas nos processos que operam na diferenciação de homens e de mulheres".

Em todos os casos há a vinculação a construções sociais, não a características naturais do ser humano. Portanto, o gênero se refere as expressões e performances definidas ao longo do tempo por nossa sociedade, entendendo-se como o papel, função ou comportamento esperado de alguém com base em seu sexo biológico.

Nessa perspectiva, concordamos com Jesus (2012) que "a expressão de gênero é a forma como a pessoa se apresenta, sua aparência e seu comportamento, de acordo com expectativas sociais de aparência e comportamento de um determinado gênero. Depende da cultura em que a pessoa vive" (p. 26).

Assim, a Educação Física, tendo o corpo como seu objeto de estudo, tem grande influência no processo de desenvolvimento das manifestações corporais e nas expressões de gênero, conforme trataremos a seguir.

DISCUSSÃO

Meninos e meninas constroem uma identificação de gênero com base nas práticas discursivas verbais e não verbais (FRÓIS, 2018, p. 3). Nessa perspectiva, como evidenciado por Goellner (2013), o corpo e o gesto se configuram como elementos presentes e ativos no processo dialógico. Nesse sentido, o corpo e o gesto comportam sentidos simbólicos. Os meninos e as meninas revelam em seus gestos, em seus corpos e em seus discursos os sentidos construídos e compartilhados nos contextos sócio-históricos e culturais sobre as diferenças entre as posições de gênero masculino e feminino. Essa elaboração não é feita por mera assimilação dos significados hegemônicos percebidos para o masculino e o feminino, mas por ação contínua e ativa de reinterpretação e transformação pelas próprias crianças.

A expressão relacionada ao gênero pode ser considerada a forma que a pessoa manifesta socialmente sua identidade de gênero, se relaciona com sua identificação nominal, suas roupas, seu cabelo, a forma de usar a voz, ou seja, a forma de expressão do corpo não corresponde apenas ao sexo biológico. O jeito em que o corpo se expressa não aponta o gênero, a orientação ou a identidade necessariamente, a maioria das pessoas descreve suas expressões de gênero como masculina ou feminina.

A expressão de gênero é separada e independente, tanto da orientação sexual, como da identidade de gênero, das características sexuais e do sexo atribuído ao nascer, ou seja, qualquer pessoa pode possuir qualquer expressão de gênero.

De acordo com as definições apresentadas por Weeks (1999, p.43) temos que: a) sexo é o termo descritivo para as diferenças anatômicas básicas, internas e externas ao corpo, que se vê como diferenciando homens e mulheres; b) gênero é o termo usado para descrever a diferenciação social entre homens e mulheres; c) sexualidade trata-se da descrição geral de crenças, comportamentos, relações e identidades socialmente construídas e historicamente modeladas em relações aos seus desejos e prazeres sexuais.

Diante desse contexto, fica evidente a importância de estudos, discussões e reflexões acerca dessa temática, sobretudo no campo da educação, nas escolas, onde há a possibilidade de enfrentamento e reflexão sobre esses discursos.

Estudos sobre o corpo

Fundamentando-nos em Goellner (2010) podemos considerar que uma das primeiras formas de comunicação após o nascimento é através da exploração do ambiente e dos objetos ao seu redor. Por meio dos gestos e dos movimentos que o bebê se comunica com os outros. Ainda nos primeiros dias de vida, o recém-nascido começa reconhecer que seu corpo ocupa um determinado espaço no ambiente e esse reconhecimento se desenvolve juntamente com a criança. A percepção do próprio corpo e a percepção dele no espaço e no tempo contribui para o desenvolvimento dos aspectos motores, físicos e cognitivos.

Ainda de acordo com Goellner (2010) este pequeno corpo pode então, cada vez mais, vir a ser para além das manifestações biológicas, “subvertendo” o instinto, inaugurando um caminho pulsional. O corpo, enquanto natural, é transformado pela pulsão e isso só acontece com as trocas humanas.

Ainda na primeira infância, de acordo com GOELLNER (2010)

o corpo se revelara como tal, sendo suporte para fantasias, criações, interações, experimentações desafiadoras, descobertas e encantamentos. Assim, o corpo como experiência lúdica é o corpo que cria a oportunidade a partir do limite e encontra, nele mesmo, a possibilidade de experienciar-se como brinquedo (GOELLNER, 2010, P. 6)

É como se pensássemos nesse corpo muito além do sentido engessado, dado pelo dicionário: "CORPO- estrutura física de um organismo vivo, englobando suas funções fisiológicas."

Isto é, pensar no nosso corpo como não apenas um corpo, mas seria interessante imaginar como

É também o seu entorno. Mais do que um conjunto de músculos, ossos, vísceras, reflexos e sensações, o corpo é também a roupa e os acessórios que o adornam, as intervenções que nele se operam, a imagem que dele se produz, as máquinas que nele se acoplam, os sentidos que nele se incorporam, os silêncios que por ele falam, os vestígios que nele se exibem, a educação de seus gestos... enfim, é um sem limite de possibilidades sempre reinventadas, sempre à descoberta e a serem descobertas. Não são, portanto, as semelhanças biológicas que o definem, mas fundamentalmente os significados culturais e sociais que a ele se atribuem (GOELLNER, 2008, p. 28)

O texto de Goellner (2010) discute a educação dos corpos, dos gêneros e das sexualidades e o reconhecimento da diversidade. Em dois artigos apareceram os estudos sobre o corpo e sobre a maneira de olhar para ele. A perspectiva defendida por Goellner (2010) de que nosso corpo não é apenas um dado natural e biológico, mas, sobretudo, um produto intrínseco de inter-relacionamento entre natureza e cultura. É uma construção cultural sobre diferentes tempos, espaços, grupos sociais, etc.

Goellner (2010) aponta que é interessante falar que o corpo é plural, apesar de algumas vezes venha aparecer como singular, apenas quando sua análise é feita pela perspectiva cultural, observando suas especificidades e singularidades como os corpos infantis, jovens, masculinos, femininos, homossexuais, obesos, dentre outros múltiplos corpos.

O texto também coloca um importante ponto sobre a sexualidade que também é plural, ponderando a inexistência de um único modo correto de vivenciar, "questões afetas ao gênero e à sexualidade são silenciadas ou, quando mencionadas, não raras

vezes, são referidas a partir daquilo que é representado como sendo o normal, desejável e aceitável” (GOELLNER, 2010, p. 76).

Faz-se uma construção do início de nossos sentidos, dos primeiros gestos do corpo trazendo também uma visão ampla da evolução e da pluralidade dos corpos.

Prática corporal

A partir da leitura aprofundada dos artigos que dialogam com a nossa temática, evidenciamos três pesquisas que tratam da “relação de gênero” e suas relações com as práticas corporais.

Dentre essas referências, Jaeger (2020), aponta que “o cinema é um artefato cultural que educa, uma vez que as imagens extrapolam a tela e invadem as nossas vidas.” (JAEGER, 2020, p. 34), considerando as influências cinematográficas no ambiente educacional e como isso reflete na possibilidade de construir uma representatividade sobre os corpos em meio a sociedade.

Indicando a importância e necessidade de se produzir análises visuais que apresentem gênero em práticas corporais e esportivas que possam enfatizar o potencial pedagógico para as aulas de Educação Física que passeiam por corpos diversos, gestos e etnia dos personagens, o estudo de Devide (2018), traz a reflexão sobre gênero na formação inicial das Licenciaturas, especificamente da Educação Física escolar, sendo uma área que tem historicamente reforçado estereótipos de gênero através de conteúdos interpretados como masculinos e femininos.

Esse autor aborda também as maneiras didáticas alternativas para fornecer uma perspectiva diferente ao professor/professora combatendo o binarismo, evitando a exclusão por habilidade motora, masculinidades, sexismo e misoginia.

Através da perspectiva de Devide (2020), na coeducação a Educação Física escolar aborda a equidade entre os sexos, criando um ambiente que promova a reflexão sobre as questões de gênero, a fim de minimizar desigualdades e desconstruir a estereotipia de gênero.

Este modelo apresenta o objetivo para o desenvolvimento integral do/da discente, a partir de uma formação integrada, que valorize as diferenças e habilidades independentemente do sexo.

O trabalho de Dos Anjos (2020) discorre bem sobre esses estereótipos de que o futebol é somente para meninos. A escritora inverte o protagonismo do futebol, faz com que as atividades relacionadas à prática sejam para as meninas, para que os/as

alunos/alunas possam vivenciar esse protagonismo “diferente” e além de refletir sobre ele. Em suas conclusões a respeito da proposta trabalhada, Dos Anjos, (2020 p. 47) aponta que “acredita que ela possibilitou aprendizagens que ampliaram e aprofundaram os conhecimentos sobre essa modalidade por meio de experiências democráticas e inclusivas, e contribuiu para compreender e questionar as desigualdades de gênero”

Percebe-se que as produções acerca das práticas corporais trabalham com as relações de gênero, trabalhando o/s pré-conceitos por meio das oportunidades que o esporte e outras práticas oferecem.

Formação e atuação profissional

A leitura dos artigos selecionados referente à formação e atuação do/da professor/professora de Educação Física no que tange a gênero e sexualidade nos mostrou haver um bom campo de atuação e trabalho, em que há a possibilidade de propostas e intervenções pedagógicas sobre gênero/sexualidades. A temática, além de poder ser trabalhada como tema transversal, aborda questões sociais históricas, como o acesso dos homens ao futebol, “jogo de menino”, serve para a quebra de construções sociais. Segundo Moraes (2020, p. 88) “reiterada e até saturada veiculação do futebol masculino é um fator que contribui para o estereótipo de esporte masculino, associado de forma simultânea ao preconceito e discriminação atribuída à prática dessa cultura corporal por mulheres”.

No que concerne à atuação do/da professor/professora de Educação Física, trabalhar essas desconstruções em suas aulas, enquanto profissional problematizador de conceitos, caberá a proposição e o fazer pensar a respeito de práticas que corroboram/confrontam pensamentos que “validem” a superioridade masculina pautada no acesso a esportividade.

Pensar abordagens mais dinâmicas e atuais para lidar com o que é necessário para o desenvolvimento do pensamento crítico dos/das alunos/alunas, de acordo com Radicchi (2013, p. 101) “é um tema comumente negligenciado pela escola”, já que em uma visão tradicional, o trato com esta temática-tabu caiba exclusivamente à família”, no entanto, caberá ao professor/professora vivenciar horas diárias com os/as alunos/alunas, exposto a diversos pensamentos e questionamentos sobre o porquê de as coisas serem como são.

Dialogando com Ceratti (2020), podemos perceber que “o papel do professor de Educação Física é ativar a curiosidade das crianças, não as julgando, mas tornando-se um observador permanente do cotidiano, que media a partir de um olhar sensível” (p. 16), ou seja, o/a professor/professora enquanto “construtor/construtora” de conhecimento juntamente dos alunos têm o papel de dinamizar a aprendizagem a ponto de tornar seus/suas alunos/alunas seres pensantes e críticos sobre as perspectivas de mundo, fazendo assim com que consigam agir para uma mudança no que é dito ser o padrão. Por meio de sua atuação reflexiva, o/a docente conseguirá promover “um trabalho pautado pela formação de grupos mistos, gestão compartilhada, equivalência de direitos e inclusão” (MARTINS, 2020, p. 51).

Nessa mesma ótica, o trabalho de Moraes (2020, p. 90) “sinaliza-se para uma formação crítica-reflexiva que quebre ou amenize discriminações baseadas em relações de gênero, as quais violam e lesam direitos de liberdades e dignidade de mulheres e de qualquer pessoa que foge aos padrões concebidos como desejáveis para homens e mulheres.

Pautar sobre a atuação do profissional de Educação Física faz com que voltemos nosso olhar para o início da formação do/da professor/professora, nos questionando se colocaram possibilidades para o repertório teórico para que o processo de formação contemple o máximo de temáticas possíveis, incluindo no que diz a gênero e sexualidade.

Masculinidades

Nesse tópico iremos evidenciar e discutir o conceito de masculinidade que apareceu dentre os trabalhos encontrados. Encontramos dois artigos que usam “masculinidade hegemônica” definida como a configuração atual da prática que legitima a posição dominante dos homens na sociedade.

A pesquisa de Moraes (2020) constrói uma discussão reflexiva muito interessante sobre gênero, colocando historicamente os espaços que a masculinidade se constitui e como a Educação Física escolar pode desempenhar um papel importante de combate a onda conservadora.

O artigo fala também sobre as influências do cristianismo (religião) e como isso vem afetando a sociedade atual. Uma boa pontuação foi sobre a disputa política em 2018, em que um determinado candidato à presidência tinha como discurso a defesa da “família, da moral e dos bons costumes”, neste sentido, há a visão de família

constituída por homem, mulher e filhos, além disso, há a visão de que o homem é o provedor do lar e a mulher é submissa à imposição social de cuidadora e genitora.

Em seu trabalho, Da Mota (2019), trata a masculinidade hegemônica numa aula prática a partir de um jogo como um relato de experiência, fazendo ótimas pontuações sobre o domínio dos meninos nos espaços de aulas práticas e fazendo uma mediação para que os meninos e meninas participem de forma igualitária no jogo.

Vale ressaltar a pouca produção tratando sobre masculinidades e de como elas aparecem nas aulas práticas de Educação Física. Quando se trata das relações de gênero nas aulas, existe o que pautamos acima como masculinidade hegemônica, não encontramos facilmente escritas que dialoguem sobre a masculinidade, apenas sobre a binaridade, porém voltada para as meninas/mulheres.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A atuação/abordagem do/da professor/professora de Educação Física durante suas aulas na escola em relação a assuntos do cotidiano pode interferir positiva ou negativamente em como os alunos irão refletir, agir, ver e viver em sociedade, tornando-se, assim, condutor e filtro para as possíveis formas de agir diante a realidade individual.

Pensar a escola como um espaço de conhecimento favorece a percepção e pensamento sobre os conteúdos necessários para formação dos alunos e alunas, a prática docente que expõe e ensina sobre temáticas ocultas do cotidiano das pessoas, torna visível a luz da vida não só dos/das alunos/alunas, mas como de todos que os rodeiam. Trabalhar temáticas como gênero/sexualidade se faz tão necessário e importante quanto o ensino conteudista, uma vez que, estes estudos são capazes de tornar o/a aluno/aluna ativo/ativa em questões sociais.

A Educação Física enquanto área de conhecimento e campo de saber que tem como objeto de estudo as práticas corporais presentes em nossa cultura, têm a facilidade de poder trabalhar a partir das vivências sociais, como futebol masculino, “soberano”, exclusão da mulher dos espaços esportivos e em sala de aula, a baixa participação e estímulo da prática pelo público feminino, questionando e tornando possível o diálogo aberto para o entendimento de o porquê as alunas se sentem pressionadas a desempenhar determinado repertório motor para que não se sintam menos hábeis que os meninos.

Compreendemos que os estudos/artigos publicados na revista que escolhemos para análise, revista esta referência para a área da Educação Física, não contribui de forma expressivamente necessária. De 133 artigos publicados (100%) apenas 13 (9,77%) fazem relação com a temática gênero/sexualidade, infelizmente é uma porcentagem muito pequena para a necessidade e importância do debate em nossa atual sociedade brasileira, marcada por preconceitos e violência contra a diversidade.

Reiteramos que não questionamos a qualidade dos artigos, pois eles apontam contribuições importantes a respeito dos temas gênero e sexualidade, trazendo formas diferentes de abordar a questão e nos possibilitou vislumbrar uma nova perspectiva de como os/as professores/professoras podem ter um olhar mais atento para o planejamento e condução de suas aulas nas escolas.

Além disso, nos atentamos que as pesquisas analisadas, em sua grande maioria, dialogam sobre inserção das meninas nas aulas, exclusão das meninas, influências da mídia positiva ou negativa para as mulheres, dentre outros fatores, que só reforçam a necessidade de ter mais produções sobre o gênero feminino e o corpo feminino.

Isso nos fez perceber que o ser mulher e/ou carregar uma característica tida como feminina é um marcador social muito forte e trazer esse debate para o ambiente escolar é de grande importância.

Portanto, concluímos que cada vez mais se faz necessário pesquisar e debater sobre gênero, sexualidade, masculino x feminino, tanto nas escolas como em outros espaços de nossa sociedade. Sobretudo no atual contexto que estamos vivenciando em nosso país, marcado pelo sucateamento da educação, falta de políticas públicas inclusivas, o aumento de casos de preconceito e violência, entendemos que quanto maior o número de marcadores num mesmo corpo, maior a exclusão. É preciso refletir, debater, pesquisar, em busca de uma sociedade verdadeiramente humana e com equidade, e as aulas de Educação Física podem trazer importantes contribuições nessa perspectiva.

REFERÊNCIAS

ARENHART, Deise. O corpo como expressão de culturas infantis na escola: marcas de geração e classe social. **Cadernos de Formação RBCE**, v. 6, n. 1, 2015.

Disponível em:

<<http://www.revista.cbce.org.br/index.php/cadernos/article/view/2085>>. Acesso em: 31 de agosto de 2022.

BRASIL. [Constituição (1988)]. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília, DF: Presidência da República, [2016]. Disponível em:

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm. Acesso em: 23 out. 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018. p.561. Disponível em:

<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf>. Acesso em: 20 de abril de 2021.

CERATTI, Viviane da Silva Dias; SCHWENGBER, Maria Simone Vione. Uma proposta didático-pedagógica em Educação Física Infantil: a literatura brasileira e as temáticas corpos, gêneros e diferenças. **Cadernos de Formação RBCE**, v. 11, n. 2, 2020. Disponível em:

<<http://revista.cbce.org.br/index.php/cadernos/article/view/2419>>. Acesso em: 31 de agosto de 2022.

DA MOTA, Weslei; LEZAN, João Pedro. QUESTIONANDO A MASCULINIDADE HEGEMÔNICA A PARTIR DO “CAÇADREZ”: UMA BOA PRÁTICA EDUCATIVA NO ENSINO MÉDIO?. **Cadernos de Formação RBCE**, v. 9, n. 2, 2019. Disponível em: <<http://revista.cbce.org.br/index.php/cadernos/article/view/2336>>. Acesso em: 31 de agosto de 2022.

DA SILVA, Francisco Vieira. O INCÔMODO DAS “LETRINHAS”: FLUXOS E CONTRAFLUXOS DO DEBATE SOBRE GÊNERO E SEXUALIDADE NO ENSINO REMOTO EMERGENCIAL. **Revista Docência e Cibercultura**, [S.l.], v. 6, n. 2, p.

117-133, abr. 2022. ISSN 2594-9004. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/re-doc/article/view/60708>>. Acesso em: 04 nov. 2022. doi:<https://doi.org/10.12957/redoc.2022.60708>.

DE MORAES, Paulo Mateus et al. Direitos humanos e gênero: possíveis articulações para formação de professorxs. **Cadernos de Formação RBCE**, v. 11, n. 1, 2020. Disponível em: <<http://revista.cbce.org.br/index.php/cadernos/article/view/2401>>. Acesso em: 31 de agosto de 2022.

DE SOUSA, Claudio Aparecido; DA SILVA, Peterson Amaro; MALDONADO, Daniel Teixeira. CÍRCULO DE CULTURA E EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: REFLEXÕES DE UM DOCENTE SOBRE A SUA PRÁTICA PEDAGÓGICA. **Cadernos de Formação RBCE**, v. 8, n. 2, 2018. Disponível em: <<http://www.revista.cbce.org.br/index.php/cadernos/article/view/2257>>. Acesso em: 31 de agosto de 2022.

DO PRADO, Vagner Matias. Gêneros e sexualidades na formação inicial em Educação Física: experiência docente em uma universidade pública. **Cadernos de Formação RBCE**, v. 11, n. 1, 2020. Disponível em: <<http://revista.cbce.org.br/index.php/cadernos/article/view/2399>>. Acesso em: 31 de agosto de 2022.

DOS ANJOS, Luiza Aguiar. Uma experiência de ensino do futebol (de mulheres). **Cadernos de Formação RBCE**, v. 11, n. 2, 2020. Disponível em: <<http://www.revista.cbce.org.br/index.php/cadernos/article/view/2409>>. Acesso em:

DEVIDE, Fabiano Pries; DA ROCHA, Cristina Maria; DOS SANTOS MOREIRA, Izabela. Coeducação e Educação Física escolar: uma ferramenta para abordar as relações de gênero nas práticas corporais. **Cadernos de Formação RBCE**, v. 11, n. 2, 2020. Disponível em: <<http://rbce.cbce.org.br/index.php/cadernos/article/view/2420>> Acesso em: 31 de agosto de 2022.

FALCÃO, Denise; MACEDO, Luiza; ALENCAR, Lucilene; SILVA, Marcília de Sousa. (R)EXISTÊNCIAS DE DISCUSSÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADE NAS PESQUISAS DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO INTERDISCIPLINAS EM ESTUDOS DO LAZER

(PPGIEL/UFMG)). In: **LAZER, GÊNERO E SEXUALIDADE: DIÁLOGOS ENTRE BRASIL E PORTUGAL**. [S. l.: s. n.], 2022.

FROIS, Érica Silva. A construção da expressão de gênero na infância: do gesto à palavra. **Pesqui. prá. psicossociais**, São João del-Rei , v. 15, n. 2, p. 1-15, ago. 2020 . Disponível

em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-89082020000200006&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 16 set. 2022.

GARIGLIO, José Ângelo. O papel da formação inicial no processo de constituição da identidade profissional de professores de educação física. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 32, p. 11-28, 2010. Disponível em:

<<http://revista.cbce.org.br/index.php/RBCE/article/view/511>>. Acesso em: 31 de agosto de 2022.

GIL, Antonio Carlos et al. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002. Disponível em:

<https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/150/o/Anexo_C1_como_elaborar_projeto_de_pesquisa_-_antonio_carlos_gil.pdf>. Acesso em 20 out. 2022.

GOELLNER, Silvana Vilodre. A educação dos corpos, dos gêneros e das sexualidades e o reconhecimento da diversidade. **Cadernos de formação RBCE**, v. 1, n. 2, 2010. Disponível em:

<<http://revista.cbce.org.br/index.php/cadernos/article/view/984>>. Acesso em: 31 de agosto de 2022.

GOELLNER, Silvana Vilondre. (2013). A produção cultural do corpo. In G. L. Louro (Org.). **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação** (pp. 28-40). Petrópolis: Vozes. Disponível em:

<[http://professor.pucgoias.edu.br/sitedocente/admin/arquivosUpload/17681/material/corp%20genero%20e%20sexualidade%20\(1\).pdf](http://professor.pucgoias.edu.br/sitedocente/admin/arquivosUpload/17681/material/corp%20genero%20e%20sexualidade%20(1).pdf)>. Acesso em: 10 de set. 2022.

JAEGER, Angelita Alice et al. Cinema, relações de gênero e práticas corporais e esportivas. **Cadernos de Formação RBCE**, v. 11, n. 1, 2020. Disponível em:

<<http://revista.cbce.org.br/index.php/cadernos/article/view/2397>> . Acesso em: 31 de agosto de 2022.

JESUS, Jaqueline. (2012). **Orientações sobre Identidade de Gênero: Conceitos e Termos**. Disponível em:

<https://www.researchgate.net/publication/234079919_Orientacoes_sobre_Identidade_de_Genero_Conceitos_e_Termos> Acesso em: 26 de agosto 2022

LOURO, Guacira. Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 1997. _____. **"Corpo, escola e identidade"**. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 25, p. 59-76, jul./dez. 2000. Disponível em: <https://www.mpba.mp.br/sites/default/files/biblioteca/direitos-humanos/direitos-das-mulheres/artigosdissertacoes/questoes_de_genero/guacira_lopes_genero_26_ago_15.pdf>. Acesso em: 09 out. 2022

MARTINS, Mariana Zuaneti et al. As meninas não querem jogar? Uma revisão sobre aspectos didático-metodológicos na educação esportiva de meninas. **Cadernos de Formação RBCE**, v. 11, n. 1, 2020. Disponível em:

<<http://revista.cbce.org.br/index.php/cadernos/article/view/2416>>. Acesso em: 31 de agosto de 2022

MORAES, Marcelo et al. Educação Física escolar: espaço de questionamento das masculinidades hegemônicas?. **Cadernos de Formação RBCE**, v. 11, n. 2, 2020. Disponível em: <<http://revista.cbce.org.br/index.php/cadernos/article/view/2408>>. Acesso em: 31 de agosto de 2022.

NICOLINO, Aline; DE OLIVEIRA, Valléria Araújo. "Ocupar a quadra", empoderando meninas: ampliando diálogos sobre futebol e gênero nas aulas de Educação Física. **Cadernos de Formação RBCE**, v. 11, n. 2, 2020. Disponível em:

<<http://www.revista.cbce.org.br/index.php/cadernos/article/view/2411>>. Acesso em: 31 de agosto de 2022.

PEDERSOLI, Meire Aparecida. Formando Cidadãos - Apoio Pedagógico. 2012.

Disponível em:

<http://www.formandocidadaos.com.br/edicoes/agosto_2012/escola_dos_sonhos.ph

p>. Acesso em: 21 out.. 2022.

PEREIRA, Ana Cristina Gabriel; DE SOUZA JUNIOR, Osmar Moreira. Processos coeducativos empoderadores emergentes da metodologia da experiência crítico-afetiva. **Cadernos de Formação RBCE**, v. 11, n. 1, 2020. Disponível em: <<http://www.rbce.cbce.org.br/index.php/cadernos/article/view/2395>>. Acesso em: 31 de agosto de 2022.

RADICCHI, Marcelo Rocha. RELATO SOBRE O TRABALHO INTERDISCIPLINAR COM A ORIENTAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA IRMÃ SÁ EM PARINTINS/AM A PARTIR DA ATIVIDADE DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA. **Cadernos de Formação RBCE**, v. 4, n. 1, 2013. Disponível em: <<http://revista.cbce.org.br/index.php/cadernos/article/view/1937>> Acesso em: 31 de agosto de 2022

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, [S. l.], v. 20, n. 2, 2017. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721>>. Acesso em: 23 out. 2022.

TORTOLA, Eliane Regina Crestani. Experiências formativas acionando discursos de resistência acerca da objetificação do corpo das mulheres na música e na dança. **Cadernos de Formação RBCE**, v. 11, n. 1, 2020. Disponível em: <<http://www.oldarchive.rbceonline.org.br/index.php/cadernos/article/viewFile/2404/1335>>. Acesso em: 31 de agosto de 2022.

WEEKS, J. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, G. L. O corpo educado: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: **Autêntica**, 1999. p. 35-82. Disponível em: <<https://core.ac.uk/download/pdf/30353576.pdf>>. Acesso em: 13 de outubro de 2022.

WENETZ, Ileana; DORNELLES, Priscila Gomes. Um convite para generificar o estágio na formação de professores/as de Educação Física. **Cadernos de Formação RBCE**, v. 11, n. 2, 2020. Disponível em:

<<http://www.rbce.cbce.org.br/index.php/cadernos/article/view/2421>>. Acesso em: 31 de agosto de 2022.